

## **FORMAÇÃO DOCENTE E INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NO PIBID-INGLÊS: AUTONOMIA OU DEPENDÊNCIA?**

ALEXANDRE SILVEIRA CORREA<sup>1</sup>;

LETÍCIA STANDER FARIAS<sup>2</sup>:

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [alexandresilveira981@gmail.com](mailto:alexandresilveira981@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas – [leticiastander@gmail.com](mailto:leticiastander@gmail.com)

### **1. INTRODUÇÃO**

O uso da inteligência artificial (IA) como ferramenta no processo de ensino-aprendizagem, especialmente no ensino de uma língua estrangeira (LE), já se configura como uma realidade concreta (OMIDVAR e MEIHAMI, 2025). No entanto, como essa tecnologia ainda é relativamente recente, seu uso pelos principais agentes do processo de ensino-aprendizagem — professores e alunos — pode ocorrer de forma superficial, inconsciente e equivocada (PIKHART e AL-OBAYDI, 2025).

Neste viés, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) — programa do governo federal, que tem como objetivo o incentivo e o aperfeiçoamento da prática docente, em diálogo com a sociedade, com práticas aplicadas em escolas municipais e estaduais, realizadas por discentes dos cursos de licenciatura de universidades federais do país — torna-se um espaço de potencial uso da IA na elaboração e realização das aulas propostas por seus bolsistas (MAZI e YILDIRIM, 2025).

Assim, torna-se relevante o seguinte questionamento: os professores em formação, ou seja, discentes que realizam a prática docente, por meio do PIBID, utilizam a inteligência artificial de forma deliberada, consciente, reflexiva e autônoma, ou utilizam deste instrumento de forma equivocada e dependente, sem refletir sobre possíveis impactos?

Deste modo, este trabalho tem como objetivo aprofundar a reflexão proposta acima, além de levantar dados em relação ao uso autônomo ou dependente da inteligência artificial, pelos bolsistas do PIBID/UFPEl – Subprojeto Língua Inglesa, edital 2024-2026, na sua prática docente nas escolas participantes do projeto.

### **2. ATIVIDADES REALIZADAS**

A pesquisa teve como objetivo compreender de forma mais detalhada as percepções dos bolsistas do programa em relação ao uso da inteligência artificial no contexto educacional. Para tanto, foi elaborado um questionário composto por sete perguntas, desenvolvido na plataforma *Google* Formulários e disponibilizado aos 48 bolsistas de Língua Inglesa por meio de um *link* compartilhado em um grupo de rede social virtual que reúne todos os participantes. A taxa de adesão à pesquisa foi de aproximadamente 35%, totalizando 17 respostas efetivamente registradas.

As perguntas propostas para este trabalho tomaram como referência 4 artigos que abordam coletivamente as percepções de educadores em relação aos riscos, desafios e aproveitamentos do uso da inteligência artificial na educação. Na pesquisa elaborada por Pikhart e Al-Obaydi (2025), os docentes demonstraram preocupações relacionadas a privacidade e proteção de dados, validade e

confiabilidade dos dados, impacto no papel do professor e engajamento dos alunos. Segundo Omidvar e Meihami (2025), as falas dos entrevistados apresentam benefícios e malefícios relacionados ao uso da IA no âmbito educacional. Como benefícios, destaca-se a utilização da IA como assistente educacional, para a gestão do tempo do docente e para realização de avaliação e aferições automáticas. Em relação às desvantagens, pode-se observar os seguintes pontos: necessidade de treinamento, dependência excessiva, redução da interação humana, infraestrutura inadequada, entre outros. As contribuições de Mazi e Yildirim (2025) evidenciam que grande parte dos professores entrevistados não possuem compreensão total de o que é uma IA, embora eles acreditem que a IA traga benefícios ao ensino, aumentando o interesse e inspirando os alunos a uma produção mais significativa, além de ajudar os professores na elaboração de aulas. Finalmente, segundo Moorhouse e Kohnke (2024), os professores entrevistados reconheceram a existência de limitações em termos de competência e confiança no uso da IA destacando a necessidade de oferta de capacitações que contribuam para o desenvolvimento profissional.

Em relação aos resultados obtidos na presente pesquisa, a primeira pergunta – *De acordo com a sua opinião, enquanto futuro docente, quais são os riscos que a presença da inteligência artificial pode gerar na prática profissional docente?* – revelou preocupações recorrentes entre os bolsistas participantes. De modo geral, eles destacaram que o uso inadequado da ferramenta, sem responsabilidade, posicionamento crítico e mediação pedagógica, pode comprometer aspectos fundamentais de uma educação de qualidade. Entre os riscos apontados, destacam-se o esvaziamento de valores essenciais à formação, como o desenvolvimento do pensamento crítico, a promoção da autonomia intelectual dos estudantes e a valorização da dimensão humana no processo de ensino-aprendizagem.

Em relação à segunda pergunta – *De acordo com a sua percepção, enquanto futuro docente, quais são os benefícios que a IA pode acrescentar na prática profissional docente?* – os participantes demonstraram uma percepção alinhada à resposta da pergunta anterior. Reforçaram que, quando utilizada de forma consciente e responsável, a inteligência artificial pode se tornar uma importante aliada no contexto educacional, contribuindo significativamente para a melhoria da prática docente.

No que diz respeito à terceira pergunta – *Enquanto professor em formação, é necessária a elaboração de uma disciplina e a criação de diretrizes, nas universidades, que pautem um uso coerente da IA?* – a ampla maioria dos participantes reconheceu a importância dessa proposta, sendo que apenas um deles afirmou não considerar necessária a implementação de tais medidas. Esse dado revela uma percepção coletiva sobre a lacuna existente na formação docente no que tange ao uso ético, crítico e pedagógico da inteligência artificial. A quase unanimidade das respostas aponta para a urgência de se discutir, no âmbito do ensino superior, estratégias curriculares que orientem o uso consciente da IA, evitando práticas dependentes ou descontextualizadas.

Na quarta pergunta — *Você acredita que a IA pode substituir o papel do professor?* — 94% dos bolsistas responderam negativamente, demonstrando não acreditar na possibilidade de substituição total do docente por tecnologias baseadas em inteligência artificial. Esse resultado revela uma compreensão crítica sobre os limites da IA no contexto educacional, especialmente no que diz respeito à dimensão humana do ensino. Para os participantes, a prática docente vai além da simples transmissão de conteúdos: ela envolve empatia, escuta ativa, mediação

de conflitos, construção de vínculos e adaptação às necessidades individuais dos alunos. O reconhecimento da importância do contato humano na educação reforça a ideia de que a IA deve ser vista como uma ferramenta complementar, e não como substituta, do professor.

Ao serem questionados, na quinta pergunta, sobre o uso de inteligências artificiais na elaboração de atividades vinculadas ao PIBID, dos 17 participantes, apenas 3 afirmaram não utilizar essa tecnologia em suas práticas. Esse resultado evidencia que a IA já está amplamente presente na atuação docente dos bolsistas, embora, em muitos casos, sem o respaldo de diretrizes institucionais. Diante disso, torna-se urgente redirecionar o foco da discussão: mais do que debater se a IA deve ou não ser utilizada no contexto educacional, é essencial refletir criticamente sobre *como* ela está sendo empregada, garantindo que seu uso seja consciente, ético e pedagogicamente adequado.

Quanto à finalidade atribuída ao uso da inteligência artificial pelos participantes, observa-se que a maioria das respostas indica um uso ainda superficial da ferramenta, conforme ilustrado no Gráfico 1. Destaca-se que apenas um participante selecionou a opção referente à elaboração total da aula com o auxílio da IA, enquanto seis indicaram utilizá-la para a elaboração parcial das atividades. Esses dados sugerem uma tendência de uso fragmentado e/ou pontual da tecnologia, evidenciando a necessidade de aprofundar o debate sobre o papel da IA na prática docente, especialmente no que diz respeito à autonomia profissional e à capacidade crítica dos futuros professores.

Assinale, dentre as alternativas abaixo, uma ou mais opções que correspondam ao seu uso da IA.  
17 respostas

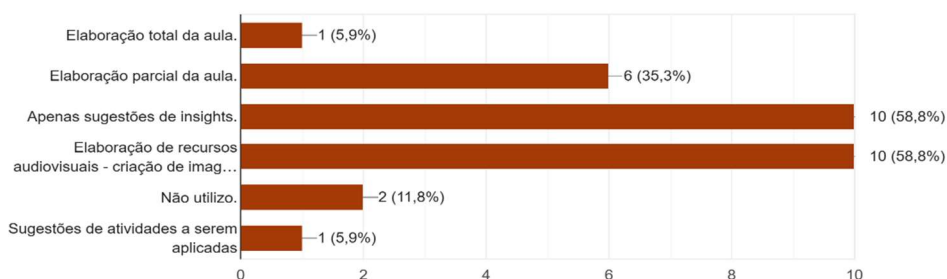


Gráfico 1: Usos da IA pelos bolsistas do PIBID-Inglês

No que se refere à revisão do conteúdo gerado pela inteligência artificial, os dados revelam uma postura predominantemente responsável por parte dos participantes. Todos os usuários da IA afirmaram revisar o material produzido, sendo que apenas um deles indicou realizar essa verificação apenas ocasionalmente. Esse resultado indica que os participantes usam a ferramenta de forma consciente, sem aceitar automaticamente tudo o que ela produz. Tal comportamento é especialmente relevante no contexto educacional, pois reforça a importância da mediação humana na utilização de tecnologias, garantindo que o conteúdo final esteja alinhado com os objetivos pedagógicos.

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa demonstrou respostas semelhantes às observadas por Pikhart e Al-Obaydi (2025), Omidvar e Meihami (2025), Mazi e Yildirim (2025) e Moorhouse e Kohnke (2024). A preocupação com o surgimento de uma nova tendência que afeta os modelos de comportamento social, implicando no campo educacional, é unânime. Como tudo o que surge no mundo virtual/tecnológico, é preciso refletir e policiar suas implicações no mundo real.

Assim como os docentes entrevistados no pelos pesquisadores anteriormente mencionados, os bolsistas compreendem que o uso da inteligência artificial na prática pedagógica precisa ser respaldado por um uso consciente e não dependente. Tal postura é essencial para que os potenciais benefícios da IA se concretizem em um contexto de atuação docente que, no Brasil, ainda enfrenta desafios significativos e carece de incentivo institucional. Além disso, os participantes destacam que esse uso precisa ser fomentado por uma capacitação que dê luz a um uso ético e humano da inteligência artificial, sem o apagamento da autonomia docente que é fundamental em um país democrático e plural como o Brasil.

Essa demanda revelou-se urgente, uma vez que o uso da IA pelos bolsistas, tanto na condição de estudantes quanto na de futuros professores, já é uma realidade concreta. Diante desse cenário, torna-se responsabilidade da universidade e dos órgãos governamentais estabelecer diretrizes claras que orientem os licenciandos no uso da inteligência artificial, de modo que seus benefícios sejam plenamente aproveitados no processo educativo.

Felizmente, os bolsistas demonstram confiança em seu papel como futuros docentes e não acreditam que a sua profissão possa ser substituída pelo uso de tecnologias. No entanto, é fundamental que essa convicção seja acompanhada de uma mobilização contínua em defesa da valorização do trabalho docente. A educação, enquanto direito fundamental, deve ser compreendida como um instrumento de transformação social, cultural e política. Nesse sentido, cabe aos futuros professores lutar por uma educação pública de qualidade, comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Como afirmou Nelson Mandela, “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo”.

### 4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- MAZI, A.; YILDIRIM, İ. O. Primary school teachers' opinions on the use of artificial intelligence in educational practices. **Social Sciences & Humanities Open**, Amsterdam, v. 11, p. 101576, 2025.
- MOORHOUSE, B. L.; KOHNKE, L. The effects of generative AI on initial language teacher education: The perceptions of teacher educators. **System**, Amsterdam, v. 122, p. 103290, 2024.
- OMIDVAR, S.; MEIHAMI, H. Exploring the "what" and "how" of opportunities and challenges of AI in EFL teacher education. **Computers and Education: Artificial Intelligence**, Amsterdam, v. 9, p. 100443, 2025.
- PIKHART, M.; AL-OBAYDI, L. H. Reporting the potential risk of using AI in higher Education: Subjective perspectives of educators. **Computers in Human Behavior Reports**, Amsterdam, v. 18, p. 100693, 2025.